

Contribuições lexicais de Mia Couto: discutindo a formação de palavras em *O último voo do flamingo*

Mia Couto's lexical contributions: discussing word formation in The Last Flight of the Flamingo

Fábio Pereira Couto¹
Valdirena Soares Groner Vicente²

Resumo: Este artigo apresenta análise e descrição de formações lexicais de língua portuguesa na literatura do escritor moçambicano Mia Couto, demonstrando não só as inovações lexicais, mas também a estreita relação existente entre a literatura e a linguística. Como proposta metodológica, trata-se de uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa, de objetivo descritivo e crítico e de procedimento bibliográfico, tendo como fonte de dados de análise amostras de vocábulos de forma contextual retiradas do livro *O último voo do flamingo* (2005), como elementos de análise e discussão realizadas à luz de teorias que versam sobre o tema, tais como Basílio (2000, 2006), Alves (2004), Ali (2001), Camara Jr. (2002), Kehdi (2005), Zanotto (2006), Sandmann (1996), Carone (1988), Bechara (2009), Almeida, (1998), Cunha e Cintra (2007) e Cegalla (2005). Como resultado, verificamos que as inovações lexicais desta obra de Mia Couto são extremamente ricas e trazem à tona algumas discussões, reconsiderações além da quebra de padrões preestabelecidos sobre os processos canônicos de formação de palavras em língua portuguesa.

Palavras-chave: Formação de palavras; Inovação lexical; Literatura miacoteana.

Abstract: This article presents an analysis and description of lexical formations in the Portuguese language within the literature of the Mozambican writer Mia Couto, demonstrating not only lexical innovations but also the close relationship between literature and linguistics. As a methodological proposal, the research is basic in nature, employs a qualitative approach, aims to be descriptive and critical, and uses bibliographic procedures. The data for analysis come from contextualized vocabulary samples taken from the book *The Last Flight of the Flamingo* (2005), serving as elements for analysis and discussion based on theories addressing the topic, such as Basílio (2000, 2006), Alves (2004), Ali (2001), Camara Jr. (2002), Kehdi (2005), Zanotto (2006), Sandmann (1996), Carone (1988), Bechara (2009), Almeida (1998), Cunha and Cintra (2007), and Cegalla (2005). As a result, we found that the lexical innovations in this work by Mia Couto are extremely rich and provoke discussions, reconsiderations, and a break from pre-established patterns regarding the canonical processes of word formation in the Portuguese language.

Keywords: Word formation; Lexical innovation; Miacoutean literature.

Introdução

A criação vocabular está na oralidade e na literatura, pois se trata de construção de palavras. Porém, é pela Literatura que se dá o registro, ao mesmo tempo em que legitima historicamente o novo termo ou o novo uso, enriquece-se quando a criatividade do escritor forja a expressão exata para as imagens, para os símbolos, para os arquétipos que o vernáculo, de modo estanque, não dá conta por si só (Carvalho, 2009, prefácio).

¹ Docente da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4155376271400151>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0712-6928>. E-mail: fabiopereiracouto@unir.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6645254709645409>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6524-3134>. E-mail: valdirenasoes@gmail.com

A língua é um patrimônio da humanidade da qual dispomos por meio da linguagem para nos comunicarmos e interagirmos em sociedade, seja por meio oral seja por escrito. E no intuito de nos comunicar e podermos nos expressar cada vez melhor é que formamos novas palavras para suprir nossas necessidades comunicativas. E as novas palavras só são possíveis de serem criadas e recriadas porque a língua é mutável e dinâmica, permitindo, assim, que haja essa mobilidade, mudança, que podemos chamar de evolução da língua. O fenômeno de criação e recriação de palavras ocorreu e ocorre com todas as línguas, como, por exemplo, o latim, o grego ou com a língua portuguesa, o que não poderia ser diferente.

Quando lemos um livro em língua portuguesa - que é o idioma oficial do Brasil e de mais sete países, os quais compõem a lusofonia ou a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (doravante CPLP) - nele podemos encontrar uma variedade de “novas” palavras das quais não tínhamos conhecimento, seja da palavra primitiva ou de sua variante, o que nos leva a refletir sobre essas construções vocabulares.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo principal a análise e descrição de processos de formação de palavras encontradas na obra *Último Voo do Flamingo* (2005). Dessa forma, procuramos entender e explicar essas formações de palavras, independentemente, como veremos no decorrer deste trabalho, do critério predominante – morfológico, sintático, fonológico e semântico –, pois a nossa proposta é entender e discutir a construção e reconstrução vocabular com enfoque analítico e descritivo de nossa amostra de dados.

Para fundamentação e discussão, propomos explicar e discutir os dados com enfoque em duas vertentes principais de estudos sobre o tema: a primeira é de perspectiva linguística, com suporte em trabalhos como de Basílio (2000, 2006), Câmara Jr. (2002), Said Ali (2001), Alves (2004), Kehdi (2005), Carone (1988), Carvalho (2009) e Zanotto (2006); a segunda está sobre a perspectiva de gramáticos, como Almeida (1998), Sandmann (1996), Cunha e Cintra (2001) e Cegalla (2005).

O autor Mia Couto – cujo nome oficial é António Emílio Leite Couto – nasceu em 1955, na cidade da Beira em Moçambique. Esse autor é considerado um dos nomes mais importantes da nova geração de escritores africanos de língua portuguesa. A escrita para Mia Couto tem sido sua paixão constante que vai desde a poesia a contos, que ressaltam não só a cultura moçobicana como também traz um tom de crítica social em suas obras. Mia Couto recebeu vários prêmios por suas obras, entre os principais destacam-se:

prêmio Vergílio Ferreira em 1999 pelo conjunto da obra; em 2001, recebeu o Prêmio Literário Mário António (que distingue obras e autores dos países africanos lusófonos e de Timor Leste) atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian por *O Último Voo do Flamingo* (2005).

Para alguns críticos, a exemplo de Carvalho (2009), Mia Couto é o que podemos chamar de escritor da terra. Porque a sua expressão é absolutamente única, originalíssima, escreve e descreve as próprias raízes do mundo, explorando a própria natureza humana na sua relação umbilical com a terra. A sua linguagem extremamente rica e muito fértil em neologismos é um enorme recurso para o léxico da língua portuguesa, o que lhe confere um atributo de singular percepção e interpretação da beleza interna das palavras, das coisas e da realidade circundante do mundo.

Mia Couto é conhecido por criar palavras e expressões únicas, misturando influências da língua portuguesa com elementos das línguas e culturas locais de Moçambique. Essa reinvenção lexical dá nova vida à língua portuguesa.

O autor produz cada palavra como se fosse um adivinhador da secreta natureza daquilo a que se refere. Suas obras são consideradas por alguns como surrealistas, pois é um grande reproduzidor dos sonhos do mundo vivo das histórias. Mia Couto sobressai como excelente contador de histórias. Por meio delas, conseguimos nos manter em contato com a veia interna que coincide com o próprio pulsar da terra, pois usa as várias facetas da língua como poucos (Carvalho, 2009).

Assim, para descrever e entender essa natureza inovadora do léxico de língua portuguesa, adotamos como procedimento metodológico, a análise de dados de vocábulos criados ou recriados por esse ³romancista, de uma amostra contextual do livro *O último voo do Flamingo* (2005) (doravante UVF), obra essa que é um romance de grande vendagem e que rendeu vários prêmios ao autor. Para esse propósito, buscamos entender os processos de construções dessas palavras, sempre mantendo o contexto em que a palavra está inserida para entendermos o seu uso real no texto, e sempre procurando explicar essas formações fundamentados nos trabalhos de estudiosos da linguagem, seja na perspectiva dos linguistas, seja na perspectiva dos gramáticos, de forma que possamos trazer pontos de vista distintos, quando houver, privilegiando a discussão comparativa na perspectiva sincrônica de análise.

³ A densidade da inovação lexical feita por Mia Couto é abordada por Carvalho (2009, p. 61), quando afirma que “Mia Couto consegue a ‘proeza’ da reinvenção lexical lusófona, fazendo viagens em seu próprio repertório linguístico e no interior de seu país.”

Neologia e neologismo: considerações iniciais

Nas palavras de Basílio (2000), a neologia desempenha um papel muito importante na morfologia, já que estuda, de forma sistemática, os processos de construção de palavras e, ainda, avalia as transformações sociais pelas quais sofrem certa comunidade linguística. Já o neologismo diz respeito à unidade lexical nova, que pode ser criada e recriada por mecanismos linguísticos que se originam da língua da região onde ela é encontrada e/ou onde se manifesta, como também os neologismos podem ter origens de outras regiões ou sistemas linguísticos. Tanto uma quanto a outra são de grande produtividade no português, seja pelo caráter diacrônico seja pelo sincrônico.

Sobre neologia e neologismo, Alves (2004, p. 11-14) afirma que:

- i) A neologia essencialmente fonológica supõe a criação de um item do léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente.
- ii) Ao contrário dos neologismos fonológicos, os neologismos sintáticos supõem a combinação de elementos já existentes no sistema linguístico do português.

Se observarmos detalhadamente, veremos que diariamente nos deparamos com novas palavras; palavras que não faziam parte de nosso léxico. Os neologismos não estão somente nas conversas informais e nos meios publicitários, como poderíamos imaginar, os neologismos também são frequentes na literatura, sendo percebidos em obras canônicas de escritores como, Machado de Assis a Guimarães Rosa, até autores contemporâneos como Mia Couto, que inova o léxico com construções vocabulares como as que descrevemos em seguida (1-5):

- 1) “Risi **tresandarilhou** pelo corredor antes de regressar aos seus aposentos” (UVF⁴, p. 33);
- 2) “Não uma **desmeretriz**, dessas. Até já dormia com... [...]” (UVF, p. 14);
- 3) “Mil olhos **esbugolhavam** o branco entrando na pensão” (UVF, p. 19);
- 4) “E não quero esse italiano a escutar as palavras. Ouviu? Ainda não confio cento por cento nesse **fidamãe**” (UVF, p. 112) e

⁴ Todas as palavras retiradas da obra *O último voo do flamingo* (2005) de Mia Couto estão identificadas no texto com a sigla e número de página correspondentes da seguinte forma (UVF, p.). Dessa forma, todas as palavras retiradas do livro para constituir o nosso *corpus* de pesquisa estão contextualizadas, o que, a nosso ver, facilita e dar mais clareza à análise, tanto morfológica quanto semanticamente, pois as palavras soltas não dizem muito de sua real utilização.

5) “E assim fizeram, **iluminados**, dando seguimento à confecção do menino” (UVF, p. 98).

Ou seja, os neologismos fazem parte da inovação da língua portuguesa, sendo de extrema importância para catalisar o dinamismo de nossa língua na interação comunicativa.

Processo de formação de palavras: composição e derivação

Os processos de formação de palavras são constantemente discutidos no campo da linguística e da gramática, e entre essas línguas de estudo há algumas divisões ideológicas e obviamente teóricas, historicamente constituídas. Assim, se podemos fazer essa cisão, temos de um lado o ponto de vista dos gramáticos e do outro dos linguistas.

Quanto aos tipos de formações de palavras, temos dois principais aspectos a tratar neste artigo. O primeiro diz respeito à derivação, que se caracteriza pelo uso de afixos (prefixo e sufixo), isto é, agregam-se esses afixos ao radical de uma palavra, para dela se originar outra. A formação de palavras por meio de derivação se divide em prefixal, sufixal, parassintética, prefixal e sufixal. Já o segundo diz respeito ao processo de formação de palavras denominado de composição que se caracteriza pela junção de dois ou mais radicais para se formar uma nova palavra, que por sua vez se divide em dois subgrupos: composição por justaposição e composição por aglutinação. Sobre esses processos, trataremos com mais detalhes nas secções seguintes com excertos retirados do livro UVF.

Funções da composição

Quanto às funções do processo de composição à luz de Basílio (2000), encontram-se três divisões principais:

1) Função de denominação: na nomeação descritiva (denominação), um ser, entidade, substância etc. é denominada a parte de sua característica objetiva mais relevante. No caso da composição, temos uma primeira classificação geral correspondente ao núcleo da composição, e um elemento particularizante correspondente ao especificador, como se vê nos exemplos (6-8):

- 6) “[...] a semana passada um **burro-macho** deu parto a uma criança [...]” (UVF, p. 102);
- 7) “Tinha os tomates maiores que os do **boi-cavalo** [...]” (UVF, p. 74);
- 8) “É porque aqui temos três vilas com seus respectivos nomes — **Tizangara-terra, Tizangara-céu, Tizangara-água** [...]” (UVF, p. 40).

Em todas essas formações (6-8), temos um termo determinado e um termo determinante (adjetivador) e é essa estrutura morfológica que prevalece nesse tipo de construção lexical. Nesse tipo de composição, é de relevância destacar a palavra **boi-cavalo**, por exemplo, se nota tratar-se de um boi que também é e/ou se assemelha a um cavalo. Mas nesse caso não se trata de um cavalo que é um boi, mas sim é usado por se assemelhar a espécie. Esse tipo de construção é de uso metafórico (figurado) e não de significado denotativo (real); como também de igual modo ocorre com as palavras: homem-palito, mulher-aranha, menino-lobo, tamanduá-rei e tatu-bola.

II) Combinações constantes: esse tipo de composição destaca-se a uniformidade das construções, ou seja, apresenta uma função constante, como em: guarda-roupa; guarda-livros, guarda-costas; porta-aviões, porta-copos, porta-malas, porta-bandeira; para-choque, para-raios, mata-mosquitos, saca-rolhas, de mesma estrutura morfológica e semântica pode ser verificada em UVF, exemplo (9):

- 9) “O senhor há-de-ouvir por aí mais **mexe-língua** que barulho de folha pisada [...]” (UVF, p. 48).

No exemplo do excerto acima, notamos que a construção verbo + substantivo é usada para formação agentiva ou instrumental. Existem também outras estruturas com verbo + verbo que designam atos, seres, coisas em geral, como nos vocábulos: pula-pula, esfrega-esfrega, corre-corre, mexe-mexe, quebra-quebra, bate-bate. Em estruturas como essas, observamos que se usa a repetição (e/ou reduplicação) de verbos para caracterizar um tipo de acontecimento (evento) ou designar um objeto, contudo, não vemos contemplado, nas fontes investigadas, formação como as encontradas na obra de Mia Couto, tais quais nos exemplos (10 e 11) a seguir:

- 10) “E **logo-logo** a multidão se irresponsabilizou” (UVF, p. 6);
- 11) “O senhor é um homem bom, eu vi **desdedesde** [...]” (UVF, p. 107).

Nos exemplos acima, temos formação por reduplicação de uma raiz lexical; formação que é bastante produtiva na formação por composição, mas essas palavras não seguem, por exemplo, as propostas encontradas em Basílio (2000) e Zanotto (2006)

e nem pelos gramáticos como Cegalla (2005) e Almeida (1998) por exemplo. Ou seja, formações com base formada por junção de advérbio + advérbio no primeiro vocábulo (Ex.: 10) e preposição + preposição no segundo (Ex.: 11) não são comuns em língua portuguesa, e por isso não previstas pelas regras de formação de palavras por esses autores. Portanto, isso nos leva a verificar que nem todas as construções são previstas nas regras gramáticas no que diz respeito à previsibilidade de formação convencional de palavras, demonstrando, desta forma, que a língua e as regras podem se modificar para atender a necessidade de expressão do falante e/ou de uma comunidade de fala.

III) composição de base presa: na fala de Basílio (2000), esse processo morfológico se caracteriza por ser uma construção em que há uma parte da palavra com um morfema de base presa (cf. CAMARA JR., 2002), como em: biomedicina, em que {**bio-**} é uma forma presa (base presa porque não funciona quando separada) e outro morfema denominado livre, no caso, medicina. O mesmo ocorre com a palavra sociocultural, em que {**sócio-**} é uma base presa e cultural uma livre (Carvalho, 2009).

Nesse último apontamento, encontramos uma denominação linguística de formação por base, em contraposição na visão gramatical que temos para mesma formação a denominação de pseudoprefixo, como apontado, por exemplo, por Bechara, (2009) e Cegalla (2005). O que podemos depreender a partir dessa constatação é que ambas as propostas são válidas, porém pensamos que a composição de base presa, idealizada por Basílio (2000), explica melhor o fato, já que se trata de composição em que um dos radicais (no caso, o primeiro), no uso sincrônico não funciona normalmente de forma independente, daí a denominação de base presa. Assim, podemos considerar as formações abaixo como formações de base presa por um lado e/ou pseudoprefixo por outro para explicar o mesmo fenômeno de formação lexical.

Vejamos agora os exemplos seguintes (12 e 13):

- 12) “*Esta luta, Excelência, é da vida e da morte e **vice-versamente** [...]*” (UVF, p. 57);
- 13) “*Não se mexe, Chupanga — **contracomandou** Ermelinda [...]*” (UVF, p. 114).

Ao analisarmos essas formações, podemos ainda trazer uma discussão sobre a que tipo de formação deveríamos considerar essas palavras, tendo em vista que, pelas explicações vigentes, poderíamos entendê-las como uma formação por derivação, já que temos uma base na qual não possui independência e deveríamos considerá-la como um prefixo ou poderíamos perceber essas formações como composição ou ainda como

grupos sintáticos paralelos, este último sendo um questão que trataremos com mais detalhe na subseção seguinte, já que não configuraria em uma formação de palavras,

Diferenças entre substantivos compostos e grupos sintáticos: o que dizem os estudos

Quando falamos em compostos, normalmente pensamos em formações como: **passatempo**, **beija-flor**, conforme aprendemos nos manuais de gramática. dentro do que aprendemos, porém quando partimos para análise de certos palavra nos deparamos com formações que nem sempre são fáceis de concebê-las como uma palavra compostas. Pois a previsibilidade não é tão evidente, já que, a depender da interpretação que fazemos, podemos encontrar, por exemplo, uma palavra que a análise é ambígua, como nos exemplos dos vocábulos: **pôr-do-sol**, **copo-de-leite** (nome de uma flor), tendo em vista que nesse tipo de construção, há certa discordância entre alguns autores; isso porque uns (principalmente os gramáticos) entendem formações iguais a essas como palavras compostas, e outros, principalmente linguistas, as interpretam como grupos sintáticos, isto é, um grupo de palavras com finalidade sintática definida, mas independentes entre si. Nessa mesma perspectiva de formação, temos em UVF compostos como o exemplo (14):

14) “*Quem, afinal, era a **mais-que-primeira dama**? Queixo altivo, em meio riso: [...]*” (UVF, p. 14).

Podemos notar, no exemplo acima, que há uma construção a qual poderíamos considerar tanto como uma composição quanto como um grupo sintático paralelo (palavras independentes entre si), a não ser pelo uso do hífen, que ajuda a definir tais formações como palavra composta. Mas essa dicotomia interpretativa fica bem mais evidente quando nos deparamos com sentenças como as seguintes (15 e 16):

15) O rapaz e a moça observam o **copo-de-leite**.

16) O menino estava com o **copo de leite** na mão.

Formações como essas são comuns em nossa língua, e muitas vezes somente o contexto pode desfazer possíveis dúvidas sobre a designação que devemos interpretar, pois, ao analisarmos essas duas construções, poderíamos pensar em duas possibilidade: no primeiro exemplo (15), a moça e o rapaz observam a flor, porém poderia ser um copo

onde continha leite, apesar de a frase nos remeter à flor; no segundo exemplo (16), temos o menino com o copo contendo leite, mas poderíamos dizer também que o menino estava com a flor (copo-de-leite) nas mãos. Contudo a interpretação tona-se mais clara quando definimos o substantivo composto (flor) marcando-o com o hífen. Contudo quando encontramos estruturas como: **tomara que caia, Nossa Senhora**, temos problemas de definição e/ou distinção entre substantivo composto e grupo sintático, exatamente por palavras como essas serem formadas a partir de um componente sintático. Assim, outro recurso que podemos utilizar para minimizar essas dúvidas que nos circundam seria o seguinte: verificar que os grupos compostos, segundo Sandmann (1996), têm a função designativa ou nominativa, já os grupos sintáticos (frases) fazem uma declaração sobre alguma coisa.

Dessa forma, na visão de Sandmann (1996), assim como na de Basílio (2000), verificamos que existem alguns tipos de critérios, e não um único, que devemos tomar como fonte de apoio para o entendimento sobre a formação por composição, tais como: semântico, morfológico, fonológico e sintático, e para isso devemos buscar entendê-los de forma separada inicialmente, para depois podermos agrupar os sentidos em um só pensamento, como discutiremos nas subseções seguintes.

Critérios de formação

Uma das questões importantes e que nem sempre é tão clara, como afirma Basílio (2000), trata-se do critério utilizado para análise e definição das palavras. Nesse sentido, trazemos algumas discussões sobre essas análises nesta seção e respectivas subseções sempre buscando diferentes pontos de vistas e de abordagens.

O critério fonológico

Nesse critério, a informação mais importante é a que na composição o primeiro componente da nova palavra recebe frequentemente o acento primário. No entanto, Sandmann (1996) afirma que por esse olhar de distinção entre palavras compostas e grupos sintáticos esse critério do domínio do acento não funciona em nossa língua, pois grupos de palavras como: “A menina desenhou um **pé de moleque** (doce)” a verificação do acento não nos permite identificar a diferença existente entre de grupos sintático como

o da sentença: “A menina desenhou um **pé de moleque** (pé)”, pois temos nesses dois exemplos à mesma distribuição de acento.

Assim, para Sandmann (1996), os compostos não se diferem dos grupos sintáticos nem pela intensidade e nem pela duração, pois o critério fonológico não reúne elementos consistentes de diferenciação acerca dessa dicotomia, dessa forma acaba-se tendo de recorrer ao critério semântico ou a outro, pois só o critério fonológico não seria possível distinguir esse tipo de realização.

O critério morfológico

Pela análise puramente morfológica, alguns autores reconhecem e apoiam a diferenciação entre compostos e grupos sintáticos, mas Sandmann (1996) nos revela que essa afirmação não se confirma, porque compostos como: **matéria-prima**, **boa-vida**, **pública-forma** podemos fazer flexão de número, e assim eles se assemelhariam aos grupos sintáticos, pois temos: **matérias-primas**, **públicas-formas**, **boas-vidas**. Nessa perspectiva, o critério puramente morfológico não seria suficiente para a distinção entre compostos em relação aos grupos sintáticos, porque os dois, na grande maioria dos casos, seguem e/ou sofrem as mesmas regras gramaticais.

O critério sintático

Ao analisarmos esse critério, observamos que é por esse critério que temos maior clareza e segurança para podemos estabelecer, de forma mais categórica, a distinção entre compostos e grupo sintático. Para isso, começamos observando, dentro de uma função sintática, o termo: **arma-branca**, em que temos uma palavra composta (na visão de alguns autores), em que, ao fazermos a utilização do critério sintático para verificarmos a diferenciação entre os pares de sentenças semelhantes, aplicaríamos a utilização de um adjetivo, como novo, por exemplo, em que teríamos a seguinte sentença: **arma-branca nova**. Nota-se que nessa estrutura só podemos adjetivar o todo, já em o composto sintático **arma branca nova**, pode-se relacionar o adjetivo aos dois termos, a depender do objetivo que queremos propor, como em: **arma branca e nova**, **arma nova e branca**. Assim, formações como essas nem sempre são fáceis de identificar, como ocorre de igual modo no exemplo seguinte (17), retirado de o UVF:

17) “Por exemplo, a semana passada um **“burro-macho”** deu parto a uma criança” (UVF, p. 102).

O critério semântico

Se no critério fonológico e morfológico não se tem uma base confiável para se diferenciar os compostos dos grupos sintáticos e somente no critério sintático que poderíamos ter melhor clareza, mesmo que não de forma definitiva, assim, restou então lançar mão do critério semântico, que é a fonte mais confiável e clara de discernimento entre compostos e grupo paralelos (sintáticos), quando nos referimos ao processo de composição por justaposição.

Para Carvalho (2009, p. 58), se referindo ao processo de formação de palavra denominado de cruzamento vocabular⁵, o fator semântico é um dos principais aspectos para interpretar e se analisar a formação de palavras. Assim, para o autor, é pelo critério semântico que podemos distinguir mais claramente e de forma mais rápido as novas formações vocabulares, pois reside na semântica a ideia, o sentido das palavras, porque, por exemplo, em vocábulos como **dedo-duro** e **dedo duro** por exemplo, o autor afirma que nesse tipo de formação é muito comum o uso das figuras de linguagem/pensamento como método importante na formação desses compostos, e é possível distingui-los rapidamente, quando aplicamos o critério semântico, pois, podemos notar, no primeiro exemplo, que temos alguém que fala a respeito de algo ou de outrem; e no segundo, alguém que está com rigidez no dedo.

Como se pode observar, não nem sempre um único critério é suficiente para identificarmos as palavras compostas, principalmente se utilizarmos, como é o mais usado por gramáticos, o critério morfológico, pois em palavras como (ex.: 17): **“burro-macho”** (UVF, p. 102), tendo em vista que Mia Couto inova com esse tipo de construção dentro de suas obras, mas devemos reconhecer que é, e quase somente, que reside no critério semântico a melhor opção para o entendimento de construções como essas.

A derivação: um contraponto entre linguistas e gramáticos

⁵ Para mais esclarecimentos sobre cruzamento vocabular e fusão vocabular, vide a obra de Carvalho (2009), pois nela o autor faz análise e descrição dos dois fenômenos de forma comparativa e detalhada, lançando mão de vários teóricos que já propuseram definições para os dois termos.

Na visão de Monteiro (1986), derivação é o acréscimo de prefixos e sufixos, cuja adição acarreta a mudança lexical, e, em alguns casos, a classe gramatical. Entre os afixos, o prefixo é de difícil exemplificação, pois há discussão, em alguns casos, se se trata de um processo de derivação ou composição, como veremos adiante.

Para Said Ali (2001), a derivação consiste em tomar palavras já existente e lhes acrescentar elementos (afixos), acarretando a formação de um novo elemento tendo como principal característica receber o sentido lexical da palavra (radical) a que foi agregada, como podemos confirmar nos exemplos seguintes, em que temos: **coitado** > {-eza(s)}, de o UVF, no qual temos (ex.: 18):

18) “*Estrangeiro de fora ou da capital deve poder apreciar toda aquela coitadeza sem depender grandes suores [...]*” (UVF, p. 44).

Ou ainda em: {des-} > **falar**, flexionado na terceira pessoa do plural, formando o vocábulo destacado no exemplo seguinte (19):

19) “*E a gente se dispersou, imediata, comentando que nada acontecera, até admiravam tanto o que nunca haviam visto. E desfalavam: [...]*” (UVF, p. 6).

Notamos que, no primeiro exemplo, temos o acréscimo do sufixo {-eza} e no segundo temos o acréscimo do prefixo {des-}, formando novos vocábulos, mas o que chama a atenção nesses dois casos não é exatamente a regra de formação, mas o impacto semântico dos vocábulos, tendo em vista que não são palavras comuns do nosso dia a dia, além de que, no segundo caso (“**desfalavam**”), o impacto semântico é maior, tendo em vista que ninguém consegue **desfalar**, inclusive não há esse tipo de construção nos dicionários de língua portuguesa. Mas, contudo, observamos que nos dois casos o processo está previsto na estrutura da língua portuguesa, pois no primeiro exemplo podemos verificar que houve uma construção derivacional com o acréscimo de sufixo como em: **belo** + {-eza} > **beleza** e no segundo caso houve o acréscimo de um prefixo a uma base verbal, como em: **fazer** + {-des} > **desfazer**.

Derivação Prefixal

Para Sandmann (1996), assim como para Basílio (2000), a derivação prefixal é o processo de formação de palavras que se caracteriza pela junção de um prefixo a um radical de um verbo – substantivo ou adjetivo – para formar palavras derivadas sem

mudança de classe. Segundo os autores, esse tipo de processo é de grande produtividade na língua portuguesa, como nos exemplos do trecho seguinte (20-29), retirados de UVF:

- 20) “E a gente se dispersou, imediata, comentando que nada acontecera, até admiravam tanto o que nunca haviam visto. E **desfalavam**: [...]” (UVF, p. 6);
- 21) “O italiano estava num **desfarrapo**. Cabelos baldios, em desmazelo” (UVF, p. 22);
- 22) “Se ele ficara **inexplodível** era porque beneficiara de uma bondosa proteção. Sobrevivera graças a um amor” (UVF, p. 106);
- 23) “Para meu espanto, anunciou que meu pai chegara à vila. Primeiro, **inacreditei** [...]” (UVF, p. 23);
- 24) “Pela primeira vez, ante mim compareceu um homem submisso, **desajeitoso** [...]” (UVF, p. 51); “Importava, sim, o que o lugar ia fazer aos **inautorizados** visitantes [...]” (UVF, p. 37);
- 25) “Olhou para cima foi quando viu a velha-moça da pensão. Era uma visão de **desacer**, nem de humana forma se parecia. Massimo balbuciou: [...]” (UVF, p. 61);
- 26) “O adjunto se levantou **subservil**, todo em simpatia e acenos” (UVF, p. 72);
- 27) “Se ele ficara **inexplodível** era porque beneficiara de uma bondosa proteção.
- 28) “Contra esses **desgovernantes** se tinha experimentado o **inatentável**: ossinhos mágicos, sangue de cabrito, fumos de presságio [...]” (UVF, p. 129) e
- 29) “No verão de 1998, caminhando por uma praia do Sul de Moçambique, encontrei, **esvoante** sobre a areia, uma pena de flamingo [...]” (UVF, p. 135).

Em todas essas formações o que chama a atenção não é a regra de formação em si, mas a inventividade criativa de Mia Couto, se valendo de regras morfológicas já previstas na gramática da língua, para (re)criar novas palavras, como no vocábulo “**inexplodível**” (ex.: 27), pois já há exemplares com formação análoga a esse, que o caso, por exemplo, do vocábulo **explosível**, mas reinventada de forma criativa, pois temos o acréscimo do prefixo de negação {**in-**}, mais a base lexical **explodir**, mais o sufixo formador de adjetivo {**-vel**}, o que gera uma nova forma vocabular diferente do que esperaríamos, com a formação e processos em uso.

Derivação Sufixal

Basílio (2000) e Said Ali (2001), ao se referir à língua portuguesa, afirmam que o processo de formação de palavras mais produtivo é a derivação sufixal. Porém, diferentemente da derivação prefixal, a derivação sufixal se caracteriza pela mudança de classe da palavra a que o sufixo se agrega na geração de um novo vocábulo, mas podendo sofrer mudanças semânticas, fonológicas, morfológicas e mudança gramaticais

como se vê em palavras como, **tabela** > **tabel** > {-ar}, resulta no vocábulo **tabelar**; ou em: **forte** > **forta (le)** > {-eza}, que resulta na palavra **fortaleza**.

Notamos que nessas palavras há a mudança de classe que é o ponto principal que diferencia a derivação prefixal da derivação sufixal. Outro ponto relevante sobre derivação sufixal é que esse processo derivacional é, sem dúvida, o mais produtivo, inclusive na obra UVF, como podemos verificar com amostras de dados descritos em seguida.

I) Formações com base adjetiva:

- 30) “*Vocabuliam-se dúvidas, **instantaneavam-se** ordens: [...]*” (UVF, p. 6);
- 31) “*E via os flamingos, setas **rapidando-se** furtivas pelos céus [...]*” (UVF, p. 96);
- 32) “*Ele queria um boné, desses azulinhos vossos. Queria ser soldado, dos vossos [...]*” (UVF, p. 39);
- 33) “*Entre, aqui no escuro você se sente **melhorzito** [...]*” (UVF, p. 26);
- 34) “*Estrangeiro de fora ou da capital deve poder apreciar toda aquela **coitadeza** sem depender grandes suores [...]*” (UVF, p. 44);
- 35) “*Que eu, doutor, estou da forma como o jacaré: sou feio e **gigantoso**, mas ponho ovo faz conta um passarinho [...]*” (UVF, p. 93) e
- 36) “*E se fechou combinação: em chegando a sua **moribundição** ela me avisaria [...]*” (UVF, p. 26).

Ao analisarmos esses dados, verificamos que os vocábulos dos exemplos (30-36), apesar de aparentemente causar estranheza e não serem dicionarizados, essas formações obedecem às normas para esse tipo de construção morfológica, pois temos bases adjetivas mais um sufixo formador de verbo, não esquecendo que os verbos descritos nesses exemplos estão flexionados.

Já o exemplo (33), que há um vocábulo formado por uma base adjetiva e sufixo diminutivo {-zito}, que é uma forma alomórfica de {-ito}, com acréscimo da consoante de ligação {-z-} ao início do sufixo, o é de certa forma previsível. O problema aparece quando analisamos, por exemplo o dado (35), em que há um adjetivo como base e o acréscimo do sufixo {-oso}, porém os autores (BECHARA, 2009, CUNHA; CINTRA, 2007, CEGALLA, 2005) nos dão exemplos afirmativos que o normal do sufixo {-oso} seria ele afixar-se somente a uma base substantiva abstrata como em: **gosto** > **gostoso**, **cheiro** > **cheiroso**) o que não se configurou nos exemplos citados, assim temos uma ampliação do sufixo {-oso} em o UVF. Já no exemplo (36), a problematização está no uso do sufixo {-ção}, visto que os estudiosos da Gramática ou da linguística nos mostram

que esse sufixo é um nominalizador, ou seja, agrega-se uma base verbal para torná-lo um nome (**verificar** > **verificação**, **continuar** > **continuação**). Esse processo acontece também com o sufixo {-mento} (**asfaltar** > **asfaltamento**, **sofrer** > **sofrimento**).

ii) Formações com base substantiva:

- 37) “Quando aconteceu a Independência ele foi **prateleirado**, entendido como um que traía os seus da sua raça” (UVF, p. 96);
38) “Esse aí é um quanto e tanto **mulherado** [...]” (UVF, p. 111);
39) “O velho **Sulpício**, no momento, parecia demasiado **palavroso** [...]” (UVF, p. 112);
40) “No exato desse momento, começavam os primeiros problemas, esquinas onde o meu destino se haveria de **labirintoar** [...]” (UVF, p. 7);
41) “Dona Ermelinda, ao lado de seu esposo, lhe bichanava: [...]” (UVF, p. 12);
42) “Ele ficara assim desleixado, desbarbado e **cheirento** porque estávamos longe.” (UVF, p. 122)
43) “Meu pai se arrastou, penoso, entre a **caveiraria** [...]” (UVF, p. 127).

Observando os dados (37 e 38), temos formações em consonância com as regras morfológicas previstas para esse tipo de formação, pois há bases substantivas com sufixo {-ado}, formador de participio, mas entendendo que temos que partir do pressuposto de que as palavras se transformaram em verbo para daí receber esse sufixo, pois essa seria a interpretação e formação mais aceita. Mas ao nos debruçarmos sobre os dados descritos no exemplo (39), a exemplo do que ocorreu em (35), encontramos construção que foge do padrão previsto para esse tipo de formação derivacional previsto nas regras. Isso porque há o sufixo {-oso}, agregado à base substantiva concreta, diferentemente do usual, como afirma Basílio (2000), ao tratar do tema, ao dizer que esse sufixo se une normalmente a substantivo abstrato como já fora comentado anteriormente. Nos exemplos (40) e (43), não há problemas quanto à formação, porque temos uma base substantiva que se torna um verbo a partir do acréscimo de um sufixo.

Quando analisamos os dados dos grupos (38) e (37), verificamos que as formações são compatíveis com as regras de formação de palavras, mesmo que pareçam diferentes e/ou estranhas com relação ao esperado para essa formação.

iii) Formação com base verbal:

- 44) “Chegou a casa era já **adiantadamente** noite, mostrando um cansaço muito lamentoso [...]” (UVF, p. 103).

No vocábulo do grupo do exemplo (44), temos uma formação inovadora no léxico português, uma vez que se difere das regras e usos da língua, por ser formada pela estrutura **adiante** + **{-oso}** + **{-mente}**; algo que não é comum nas formações de palavras por meio de processo de derivação sufixal.

iv) Formação com base pronominal:

45) “*Despeço-me enviando as sinceras saudações revolucionárias. Ou, retificando: os **excelenciosos** cumprimentos [...]*” (UVF, p. 57) e

46) “*É o mesmo, **mesmérrimo**. Não se tira o sangue todo de um corpo [...]*” (UVF, p. 94).

No exemplo descrito em (45), o autor faz uma derivação usando uma base de palavra já existente (excelência), e acrescentou o sufixo **{-oso}**, flexionado no plural, o que gerou o novo vocábulo “**excelenciosos**”. Contudo, a inovação realizada nessa construção reside exatamente na base (raiz) tendo em vista que o comum nesse tipo de formação é a utilização de base adjetiva, como em: **feio** > **feioso**, **bom** > **bondoso**, e não, como no caso em tela, com uma base substantiva.

No caso do vocábulo “**mesmérrimo**”, do exemplo (46), a nossa estranheza se dá pela utilização de um alomorfe sufixal **{-errimo}**, que não é o esperado, pois o usual seria **mesmíssimo**, em que se tem a base **mesmo** + sufixo **{-íssimo}**. Construções com esse tipo de variação são denominadas de alomorfia, já que há duas construções morfológicas com a mesma função e mesma designação semântica.

A derivação sufixal é a mais produtiva entre todos os processos de derivação, visto que existem muitas palavras formadas por esse processo, o que se observa na escrita de Mia Couto (2005). Em nossa perspectiva, por esse tipo de formação proporcionar a mudança de classe da base lexical, algo é necessário e útil no processo de comunicação, inclusive de forma inovadora, como feito por Mia Couto em suas obras.

Derivação Parassintética

A derivação parassintética é um processo muito produtivo, principalmente no que diz respeito à formação de verbos. Para Basílio (2000), o que caracteriza a derivação parassintética:

[...] não é a presença ou ocorrência simultânea de prefixo e sufixo junto à base, mas a estrutura de formação, que exige utilização simultânea de

prefixo e sufixo no processo de formação. Assim, nem todas as palavras que apresenta prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética (Basílio, 2000, p. 44).

Sobre a derivação parassintética, Sandmann (1996) tem um posicionamento um pouco diferente de Basílio (2000), pois, para o autor, a derivação parassintética, como mecanismo criador de palavras, sempre reúne o prefixo e o sufixo simultaneamente a um radical para lhe dar outra denotação, ou seja, originar outra palavra. Para sua afirmação, Sandmann (1996) enumera três possibilidades para esse tipo de processo: i) São unidos simultaneamente o prefixo e o sufixo a uma base adjetiva ou substantiva como em: {**en-**} + **verde** + {-**ecer**} > **enverdecer**; ii) Temos como principais afixos (prefixo e sufixo) que geram esse tipo de derivação: {**es-**}, {**en-**}, {**a-**}, {**ecer-**}, {-**ear**}, {-**izar**} e iii) A questão central desta formação está na formação de pares sinônimos, como: **velho** > **envelhecer**; **noite** > **anoitecer**.

Tendo como base essa mesma construção, encontramos palavras que corroboram essa formação em o UVF como nos dados dos exemplos (47 e 48):

47) “Quería manter as independências, fora dos esquemas montados pelas autoridades locais. Eu seguia as ordens, **acachorrado** com ele.” (UVF, p. 19) e

48) “Em certos recantos, fogueiras **irrequietavam** luzes sobre as casas [...]” (UVF, p. 39).

Ressaltamos que as palavras formados pela estrutura: {**a-**} + **cachorro** + {-**ado**} > “**acachorrado**” e {**irre-**} + **queietavam** > “**irrequietavam**” (ex.: 47 e 48) são palavras novas e ainda não dicionarizadas, mesmo sendo formadas utilizando-se das regras existentes para este tipo de formação, elas parecem estranhas e não previstas e que não obedecem às regras existentes, porém, se analisarmos mais atentamente, veremos que elas seguem os mesmos princípios de formação de outras palavras que sofreram processo de derivação parassintética.

A derivação parassintética traz algumas discordâncias em termos de análise e definição, como vimos, por exemplo entre Basílio (2000) e Sandmann (1996), pois como afirma Carone (1988, p. 42), por exemplo, a derivação parassintética deveria ser caracterizada de duas formas e/ou categorias, sendo que a primeira separaria formação parassintética como: **esclarecer** e **amanhecer**, que é formada pelo acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo a base derivada; e a segunda com formações que acrescentam um prefixo e desinências verbais como em: **aclarar** e **emburacar**.

Kehdi (1997, p. 16-17), que, de certa forma, vai de encontro ao que afirma Carone (1988), ao se posicionar sobre a formação parassintética, diz não haver a necessidade de separar vocábulos como **esclarecer** e **aclarar**, com a justificativa de que em **aclarar** não há um sufixo. Ou seja, na verdade, Kehdi argumenta que as únicas possibilidades de flexão para o adjetivo claro seriam: **claro**, **clara**, **claros** e **claras**, sendo, assim, a terminação {-ar} é um sufixo de valor verbal, o que contribui para que o adjetivo mude de classe.

Derivação Prefixal e Sufixal

Basílio (2000) afirma que derivação prefixal e sufixal se caracteriza por haver formação em que ora se acrescente o sufixo, como em: **insensatez** que temos o acréscimo do sufixo {-ez} ao adjetivo **insensato**, no qual já tinha recebido o prefixo negativo {in-}; ora há o acréscimo do prefixo {re-}, como em **reconsideração**, palavra que já contava como o acréscimo do sufixo {-ção} ao verbo **considerar**. Então, por essa perspectiva, que vai ao encontro do que afirma Zanotto (2006), podemos entender a derivação prefixal e sufixal como o processo que consiste na formação de palavras caracterizada pela presença de sufixo e prefixo, mas esses afixos não precisam ocorrer de forma simultânea, diferindo-se da derivação parassintética, por exemplo. Dessa maneira, a principal característica da derivação prefixal e sufixal é a possibilidade de se retirar um dos afixos, mas ainda o vocábulo permanecerá com significação na língua, diferentemente da derivação parassintética, que, ao se retirar um dos afixos, a palavra não mantém significado, é o caso de, por exemplo, da palavra “**empernar**” (UVF, p. 6), em que não se tem nem **emper(n)** e nem **pernar**.

Vale ressaltar que poucos autores fazem menção à derivação prefixal e sufixal como um processo específico, talvez pelo fato de, na grande maioria dos estudiosos, considerarem derivação prefixal e sufixal como ora derivação prefixal ora sufixal, como podemos observar na seguinte análise diacrônica da palavra **replantar**, em que se origina da base da palavra **planta**, que por sua vez deriva **plantar**, por meio da derivação sufixal, e finalmente, **replantar**, que, nessa perspectiva, é formada a partir do acréscimo do prefixo.

Quando se analisa casos como da palavra **replantar**, a maioria dos estudiosos, como Bechara (2006) entre outros, não contemplam a derivação prefixal e sufixal como

um processo, mas ora prefixal ora sufixal, tendo em vista que a interpretação deles é de que se acrescentou o prefixo {re-} à base verbal **plantar**, não levando em consideração a existência do sufixo {-ar} para a formação, que fora acrescido ao substantivo **planta**, o que, de certa forma, traz certa divergência sobre a definição sobre o processo de formação prefixal e sufixal, já que para uns trata-se de mais um processo de formação de palavras e para outros não.

Considerações finais

Toda pesquisa científica tem por finalidade encontrar explicações que satisfaçam, de certa forma, as dúvidas geradas. Assim, neste trabalho, procuramos analisar, descrever e discutir a estrutura e o padrão morfológico de formação de palavras de língua portuguesa, com foco principal nas inovações vocabulares do livro *O último voo do flamingo* (2005), de Mia Couto, de forma que também pudéssemos reafirmar a intrínseca relação existente entre linguística e literatura, nesse processo inovador do léxico de nossa língua.

Nesta pesquisa foi possível também verificar, mesmo que de forma não exaustiva, divergências teóricas e quebra de paradigmas relevantes quanto a alguns processos de formação de palavras, como, por exemplo, a derivação sufixal e prefixal, parassintética, composição entre outros.

É importante salientar que todas as palavras selecionadas da obra de Mia Couto, e que serviram como base para nossa análise e descrição, mesmo aquelas para que não foram encontradas explicações determinantes, e não encontradas nos dicionários e vocabulários que serviram de fonte de investigação em nossa pesquisa (VOLP, 2023-2024, Houaiss, 2009), podem ser encaixadas em um dos processos de formação do português, pois não há regra que as proíbam de serem formadas, ainda que se realizem em contextos específicos na obra UVF, pois a inovação lexical de Mia Couto só evidencia não só a criatividade do autor com também o dinamismo de nossa língua, pois os falantes criam e recriam, constantemente, estruturas e palavras alternativas para as situações diversas de fala, uma vez que as palavras são entidades de que dispomos permanentemente para (re)criarmos enunciados, e essa produtividade ficou evidente na obra *O último voo do flamingo* (2005).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Universidade de Brasília, 2001.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 42. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BASILIO, Margarida. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- CARVALHO, José João de. *A formação de palavras na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 1986.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de linguística*. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O Minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: versão eletrônica 3.0*. São Paulo: Objetiva, 2009.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: UFC, 1986.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Curitiba: UFPR, 1996.
- Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)*, versão 2023-2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>.
- ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

Artigo submetido em: 20/08/24

Artigo aceito em: 07/12/24